



CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA
RAIANNE FERREIRA LIMA

COMO KEVIN FOI FALADO? O SUJEITO ENTRE A PERVERSÃO-POLIMORFA E
A PERVERSÃO

JUAZEIRO DO NORTE
2021

RAIANNE FERREIRA LIMA

**COMO KEVIN FOI FALADO? O SUJEITO ENTRE A PERVERSÃO-POLIMORFA E
A PERVERSÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação, apresentado ao curso de Teoria Psicanalítica do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, como requisito para obtenção do título de especialista.

Área de Concentração: Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Teresa da Costa.

**JUAZEIRO DO NORTE
2021**

RESUMO

A presente pesquisa busca discutir dois importantes conceitos psicanalíticos postulados por Sigmund Freud, que, apesar da semelhança na escrita, tratam de noções distintas: a perversão-polimorfa e a perversão. O primeiro refere-se à sexualidade infantil, enquanto o segundo tange a uma organização do sexual na vida adulta. São apresentadas formulações teóricas de Jacques Lacan que contribuem para melhor definir a especificidade de cada conceito, tendo a perversão-polimorfa um caráter estruturante na constituição do sujeito e a perversão o estatuto de uma posição na estrutura de linguagem, cuja estratégia reside no desmentido da castração materna. Neste trabalho, utiliza-se o filme *Precisamos falar sobre o Kevin* como recurso que permite diferenciar os conceitos investigados. Na revisão de literatura, com foco em psicanálise, foram encontradas publicações que situam o personagem Kevin como um sujeito perverso. Conclui-se, entretanto, que não é possível sustentar esta hipótese, uma vez que diagnosticar fora da transferência não é o que a prática psicanalítica propõe.

Palavras-chave: Sexualidade infantil; Perversão-polimorfa; Perversão.

ABSTRACT

This research seeks to discuss two important psychoanalytic concepts postulated by Sigmund Freud, which, despite the similarity in writing, deal with different notions: the polymorphous perversity and the perversion. The first refers to childhood sexuality, while the second concerns an organization of the sexual in adult life. Theoretical formulations of Jacques Lacan are presented that contribute to better define the specificity of each concept, with the polymorphous perversity having a structuring character in the constitution of the subject and the perversion the status of a position in the language structure, whose strategy resides in the denial of maternal castration. In this work, the film *We need to talk about Kevin* is used as a resource that allows us to differentiate the investigated concepts. In the literature review, focusing on psychoanalysis, publications were found that situate the character Kevin as a perverse subject. It is concluded, however, that it is not possible to support this hypothesis, since diagnosing outside the transference is not what psychoanalytic practice proposes.

Keywords: Child sexuality; Polymorphous perversity; Perversion.

INTRODUÇÃO

Perversão¹, segundo o *Dicionário Michaelis online da Língua Portuguesa*, possui quatro significados: Ato ou efeito de perverter² (que por sua vez remonta a tornar maldoso, desvirtuar); Alteração de uma função normal; Situação de corrupção ou devassidão; Qualquer desvio de comportamento sexual. Mas será que o senso comum consegue apreender a significação relacionada a este vocábulo?

No artigo “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/2016), Freud inaugura certos delineamentos sobre o sexual e também conjecturas sobre neuroses e perversões. Nele, o autor teoriza sobre os destinos da pulsão, definindo a sexualidade infantil a âmbitos perversos e polimorfos. A partir disso, esta obra discordava – ainda que carregasse alguma influência – tanto da classe médica e de suas concepções biológicas, quanto da opinião popular sobre a sexualidade. As principais discordâncias tratavam da época em que surgia a pulsão sexual, da natureza da escolha do objeto e também da ideia de que o objetivo sexual apenas estaria ligado a fins reprodutivos.

Nenhum sujeito poderia ver-se distante de algum traço a ser definido como perverso e “já bastaria essa universalidade para demonstrar como é inadequado usar reprovativamente o nome perversão” (FREUD, p. 56, 1905/2016). Ainda nesse mesmo trabalho, Freud institui o que viria se tornar um conhecido axioma “a neurose é como que um negativo da perversão” (FREUD, p. 155, 1905/2016), finalizando seu texto com um resumo onde defende que tendências perversas estão presentes na constituição comum da sexualidade, da qual se estabeleceriam diferentes modos de gozo (e não obrigatoriamente perversos). As perversões, durante estes períodos precoces da constituição do sujeito, poderiam tratar-se de inibições psíquicas.

Esses primeiros apontamentos sobre a perversão possibilitaram a abertura aos aprofundamentos conseguintes. Fundamentado no estudo das perversões e da sexualidade infantil, Freud firma o detalhamento das pulsões por meio do trabalho “As pulsões e seus destinos” (1915/2020). Uma pulsão é uma força interna e constante que pode ser traduzida como uma necessidade cuja suspensão só aconteceria por meio da satisfação pulsional. O objeto da pulsão é flexível e versátil e é justamente

¹ Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=OKywb>. Acesso em agosto de 2021.

² Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=4bkOQ>. Acesso em agosto de 2021.

esse seu caráter que torna difícil definir com precisão qual a causa primeira da perversão, inexistindo garantias.

A partir do texto “Batem numa criança” (1919/2010), Freud passa a relacionar a ocorrência da perversão e a forma com a qual o sujeito lida com a castração, por meio do complexo de Édipo. O autor considera, então, que o que ele chama de “perversão infantil” não costuma permanecer pela vida inteira, pois pode ser reprimida ou transformada, como forma de defesa. Porém, quando isso não acontece, a perversão pode permanecer durante a vida adulta do sujeito, um adulto perverso retornaria ao gozo infantil, visto que a castração ocorre, mas é desmentida (FREUD, 1919/2010). Freud faz uso do mito de Édipo para aludir ao complexo ao qual nenhuma criança escapa, refere-se à origem da lei de forma mítica.

Posteriormente, outros estudos psicanalíticos puderam aprofundar a compreensão acerca da perversão enquanto uma das posições na estrutura de linguagem. Incrementam-se, portanto, outros conceitos importantes para sustentar a hipótese diagnóstica da perversão, sendo alguns deles o significante do Nome-do-pai e a forma de gozo eleita pelo sujeito, postulados por Lacan (1956-1957/1995).

Assim, este trabalho de pesquisa qualitativa, fundamenta-se em uma revisão bibliográfica, cujos objetivos são apresentar a perversão-polimorfa e a perversão enquanto conceitos da teoria psicanalítica, a fim de compreendê-las e destacar suas divergências. Tais conceitos estarão relacionados ao filme *Precisamos Falar Sobre o Kevin* (2011), tendo em foco o protagonista, tentando compreender como este responde à experiência de ser investido libidinalmente. A revisão de literatura, no que tange a artigos científicos, foi realizada nas plataformas BVS, CAPES, PePSIC e ScieElo. Os descritores da pesquisa foram: Kevin and perversão, Precisamos falar sobre o Kevin and perversão, Kevin and Perversão-polimorfa.

Para isso serão utilizadas obras de autores da psicanálise, principalmente Freud e Lacan. A escolha do filme ocorreu porque este retrata a infância e adolescência do personagem Kevin, dando vastas informações e visualizações, apontando suas relações familiares e constituição subjetiva. Além disso, diversas bibliografias do campo da psicologia/psicanálise tratam Kevin como perverso (BARBOSA, 2017; FERREIRA; MEDEIROS, 2017; PEDRO; BEZERRA; LEITE, 2018; FIRMINO, 2019). A partir do conhecimento destas parte a tentativa de verificar se é possível afirmar que de fato Kevin encontra-se no campo das perversões.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 SEXUALIDADE INFANTIL E PERVERSÃO-POLIMORFA

A afirmativa da existência da sexualidade infantil impressiona e escandaliza a sociedade contemporânea à Freud. Para o autor, as crianças alcançam prazer com ações e movimentos ligados ao corpo, por exemplo, ao sugar o peito da mãe, ao defecar ou se masturbar. Existe também o prazer passivo em ser olhado, ouvido e manipulado pelo outro, seu cuidador, em ações como dar colo, abraçar, beijar, acariciar, embalar, higienizar. Tais atos abrandam o desamparo e a dor do bebê, além de inseri-lo no circuito das demandas (FREUD, 1905/2016).

Conseqüentemente, desde seu nascimento, o bebê manifesta traços sexuais de modo perverso, por não se associar à reprodução; E polimorfo, por não se fixar em um objeto sexual, mas sim escavar as diversas zonas erógenas como vias de satisfação e excitação. O corpo infantil é repleto de pulsões autoeróticas, sendo estas fragmentadas e autônomas entre elas no que concerne ao empenho de obter prazer, ou seja, não depende de um objeto externo para isso (FREUD, 1905/2016). Sobre a procedência do caráter perverso da sexualidade, Freud afirma que:

É instrutivo que a criança, sob a influência da sedução, possa se tornar polimorficamente perversa, ser induzida a todas as extensões possíveis. Isso mostra que ela é constitucionalmente apta para isso; a realização encontra poucas resistências, porque as barragens psíquicas para extensões sexuais – vergonha, nojo e moral – ainda não foram erguidas ou se acham em construção, segundo a idade da criança (FREUD, 1905/2016, p. 98).

O desdobramento sexual se organiza através de quatro momentos: oral, anal, fálica e genital, finalizando-se na vida sexual adulta, quando as pulsões, outrora parciais, unificam-se e passam a alcançar a satisfação através dos órgãos genitais. A primeira fase é a fase oral, também chamada de canibal, dado que o bebê leva à boca tudo que está ao seu alcance. É através da boca que ele conhece o mundo ao seu redor, começando pelo seio da mãe, que para além de fins nutritivos se institui como objeto da pulsão. Quando este objeto é afastado, devido à indisponibilidade materna, o bebê muitas vezes elege um outro objeto para sucção, às vezes uma parte do seu corpo (FREUD, 1905/2016).

Assim como a boca e mucosa dos lábios, o intestino constitui fonte de excitação sexual. Devido a isso, frequentemente é possível identificar distúrbios intestinais durante a infância. A fase anal, também dita sádica, tem como objeto as fezes, a criança vale-se destas para mediar seu vínculo com o cuidador. Para o *infans*³, as fezes são como uma extensão do próprio corpo e, por causa disso, ele se preocupa com o destino que elas terão, geralmente oferecendo-as como um presente ao seu cuidador. Na fase anal se apresenta uma cisão que permanecerá na vida do sujeito: entre ativo e passivo. Não se pode, ainda, classificar essa diferenciação enquanto masculino e feminino em virtude da similaridade no modo que meninos e meninas defecam (FREUD, 1905/2016).

Freud, por meio do seu trabalho “Pulsão e seus destinos” (1915/2020), diferencia estímulo de pulsão. O primeiro seria algo externo que convoca o âmbito fisiológico; A última provém do interior do organismo, tratando-se não de “uma força momentânea de impacto, mas sempre como uma força constante” (FREUD, 1915/2020, p. 19), da qual é impossível fugir.

O conceito de pulsão é formado por quatro elementos: pressão, meta, objeto e fonte. Ao falar em pressão, trata-se da força motriz da pulsão, sua cota de atividade. A meta é a satisfação, ocasionada através da cessação momentânea da pulsão. Quanto ao objeto, é por meio deste (ou junto a este) que a pulsão realiza sua meta, esse é o aspecto mais mutável em relação à teorização das pulsões. Em se tratando de fonte, compreende-se o processo pelo qual a parte do corpo recebe a excitação sexual (FREUD, 1915/2020).

Freud, em sua descrição dos possíveis destinos para as pulsões, define quatro principais: “A reversão em seu contrário. O retorno em direção à própria pessoa. O recalque. A sublimação.” (FREUD, 1915/2020, p. 35). O autor discute em seu texto apenas os dois primeiros e diz que tratará dos outros em outro lugar.⁴ O primeiro desses processos é exemplificado com as díades sadismo-masochismo e voyerismo-exibicionismo, tal reversão ocorreria apenas a nível de meta, de passivo para ativo ou

³ *Infans* é uma palavra de originária do latim, remete àquele que ainda não fala. A integração da linguagem marca a transição entre *infans* e sujeito falante.

⁴ Em seu texto “Recalque”, de (1915/1996), Freud se debruça sobre este mecanismo. Quanto à sublimação o autor não possui um trabalho específico sobre esta, porém há o “Manuscrito inédito de 1931”, no qual tece comentários sobre os fundamentos de diversos princípios psicanalíticos, dentre eles a sublimação. No Seminário 7, a ética da psicanálise, Lacan (1959-1960/2008) aproxima a sublimação e a perversão, no sentido de que os dois envolvem o objeto da pulsão e não passam pela simbolização. O aprofundamento dessas questões está para além dos limites do presente trabalho.

vice-versa. Por fim, são definidos os núcleos que dominam a vida anímica: a biológica, caracterizada pela atividade-passividade; A real, especificada por Eu-mundo externo; E a econômica, descrita pelo prazer-desprazer.

No artigo “A organização genital infantil” (1923/2011), Freud faz uma complementação à teoria do sexual, ao afirmar que a fase dita fálica poderia ser chamada de genital. O motivo pelo qual isso não ocorre é que a criança reconhece apenas a genitália masculina, somente a partir da ideia de presença ou ausência do pênis é que se estabelece a prevalência do falo. A principal diferença entre esta fase e a organização genital adulta é precisamente o fato de que a primazia não é dos órgãos genitais, mas sim do falo (entendendo como falo não necessariamente o pênis, mas sim qualquer parte do corpo próprio ou objeto no qual haja investimento de libido).

Este acréscimo à teoria determina que a diferença sexual se estabeleça entre ter um órgão genital masculino ou ser castrado, visto que a existência do órgão sexual feminino ainda não é apreendida. Assim, a conclusão à qual o menino chega é de que a menina tinha um pênis, tal qual o seu, mas acabou por perdê-lo. Em vista disso, independentemente do contexto familiar ou cultural no qual a criança cresce, a castração e o complexo de Édipo influenciarão no processo de constituição do sujeito e na forma pela qual o mesmo se posiciona na linguagem. A última fase, genital, estabelece a vida sexual. Finalmente, o desenvolvimento sexual alcança seu ponto máximo e a diferenciação entre masculino e feminino ocorre (FREUD, 1923/2011).

Freud (1909) fundamenta que a relação primeira do bebê se dá com a mãe, cabendo ao pai a triangulação desta. Para tanto, ele faz uso da história de Édipo Rei e vale-se dessa analogia para retratar o despertar dos sentimentos de amor e ódio direcionados para aqueles que são mais próximos: os pais. A noção de complexo de Édipo é a representação inconsciente do desejo sexual pela mãe e da hostilidade dirigida ao pai, com quem o menino rivaliza (Édipo positivo); E do desejo sexual pelo pai e do ciúme dirigido à mãe (Édipo invertido).

Freud (1919/2010) postula que a perversão resulta de, simultaneamente, reconhecer e desmentir a castração da mãe. Assim sendo, não se trata somente de um desvio de objeto ou objetivo sexual. Diferentemente do que acontece na neurose, na perversão o ego não é dividido, dessa forma, o princípio de prazer supera o de realidade e duas ideias antagônicas conciliam-se, originando o fetichismo.

No seu texto a respeito do fetichismo, Freud (1927/2014) define o fetiche como aquilo que substitui o falo da mãe, aquele em que a criança acredita e não almeja renunciar. Esta conjuntura demonstra que a percepção da castração se conserva, apesar de haver um investimento para amparar a sua recusa (psiquicamente, a mãe continua sendo fálica). O autor diz que existe um embate entre a percepção indesejada e a força exercida pelo desejo contrário. O fetiche, portanto, perdura ao mesmo tempo “como signo de triunfo sobre a ameaça de castração e como proteção contra ela” (FREUD, 1927/2014, p. 306). O fetichismo é um mecanismo que tenta dar certa resolução à uma experiência que o sujeito não consegue simbolizar.

Freud (1927/2014) menciona que a escolha de objeto fetichista não é, por si, causa de sofrimento, mas que existem sentimentos ambíguos em relação a isso, graças ao conflito na cena da castração. Segundo o autor, “A ternura e a hostilidade no tratamento do fetiche, que correspondem à recusa e ao reconhecimento da castração, misturam-se desigualmente em casos diversos, de maneira que ora uma, ora outra é mais facilmente reconhecível” (FREUD, 1927/2014, p.310). A última impressão remanescente antes do trauma da castração, conserva-se então como fetiche.

1.2 SUJEITO E PERVERSÃO NA ESTRUTURA

Na conceituação de Lacan (1956-1957/1995), as operações respondentes à castração definem a posição do sujeito na estrutura de linguagem. Na neurose ocorre o recalque (já definido na leitura freudiana). A psicose está associada à forclusão do Nome-do-pai e a perversão ao desmentido. É importante ressaltar que ao se falar em sujeito aborda-se na verdade o sujeito do inconsciente, que se constitui pela linguagem e pela fala no encontro com o Outro. Existe, antes da constituição e até mesmo antes da concepção da criança, uma série de intenções, desejos e demandas inclinadas a ela. Uma vez que o sujeito é barrado, ele recalca o objeto e estabelece-se no mundo social (ELIA, 2007).

Lacan (1956-1957/1995), no seu quarto seminário, se utiliza do texto de Freud “Batem numa criança” (1919/2010), para fundamentar sua discussão sobre perversão e fetichismo. Segundo o autor, o fato de o neurótico reconhecer a castração da mãe possibilita que o sujeito se depare com sua falta. A estrutura perversa, por sua vez, é

definida pela recusa a admitir a falta e também a diferença sexual, de forma a escapar da angústia. O fetichismo está intrinsecamente à definição de perversão, nesta ocorre a identificação entre sujeito e falo.

A introdução na linguagem antecede o nascimento da criança, o discurso de seus pais lhe precede. Nessa dinâmica acontece primeiro a alienação em relação aos significantes do campo do Outro, e posteriormente a separação, decorrente da interdição do incesto viabilizada pelo pai, impossibilitando que a criança se fixe na posição de objeto (LACAN, 1957-1958/1999). O Nome-do-Pai é um elemento determinante na constituição do sujeito, que remonta ao termo bíblico. Este não concerne ao pai biológico, mas sim à sua função significante.

Segundo Costa (2010), Lacan faz uma leitura do complexo de Édipo freudiano, tornando-o mais complexo e detalhando alguns conceitos, “Lacan se referiu ao complexo de Édipo sob a forma da metáfora paterna, que vai dar uma resolução à tríade imaginária mãe-criança-falo, na qual o desejo da mãe tem um papel fundamental” (COSTA, 2010, p. 10). Quando o significante Nome-do-Pai é inscrito passa a existir um conflito, pois o filho não permanecerá sendo exclusivamente o objeto fálico da mãe. Lacan pensa o complexo de Édipo como uma organização subjetiva cujos elementos são mãe, pai, bebê e falo. A identificação fálica da criança é determinante para esse complexo cuja dialética se desenvolve entre ter ou ser o falo. Lacan separou o Édipo em três tempos: “Ser ou não ser o falo”, “Ter ou não ter o falo” e “Ter ou não ter o dom”.

Primeiramente o sujeito parte de uma posição de onde ele “é” o falo, para posteriormente assumir a posição onde, tendo cedido à aceitação da castração e da mãe enquanto objeto de desejo, passa a identificar-se a algum traço do pai (LACAN, 1957-58/1999). Se somente um significante pode substituir outro, o significante Nome-do-Pai deve substituir o Desejo da Mãe, interditando-o. Aqui ocorre a evolução do autoerotismo para o narcisismo em um triângulo: criança-mãe-falo, o quarto elemento na triangulação seria o pai, que só faria parte de fato deste triângulo se o falo fosse atribuído a ele. Se houver fixação nesse nível, pode haver domínio da psicose.

O segundo tempo é caracterizado pela entrada da figura paterna no triângulo citado anteriormente. Agora o pai intervém em dupla função, em relação à criança age como separatista, afastando de ser o objeto da mãe. Em relação à mãe age com privação, pois a priva do falo, do seu objeto de gozo. Nesta etapa, a criança vê o pai

como um rival em relação à mãe. O terceiro tempo é a queda do complexo de Édipo, é nesse estágio que se dá o fim da rivalidade entre pai e filho. O pai passa a ser o exemplo a ser seguido para se alcançar o objeto de desejo, este não tem o falo, mas tem algo, como um dom, para alcançar tal desejo (LACAN, 1957-58/1999).

Segundo Lacan (1956-1957/1995), alguns analistas pós-freudianos fizeram da perversão um arranjo no qual a pulsão é tratada como um acaso em seu destino. Para o autor, essa questão é muito mais complexa do que a breve definição de que a perversão seria o negativo da neurose, pois:

Temos no próprio Freud um exemplo que prova que sua fórmula, segundo a qual a perversão é o negativo da neurose, não deve ser tomada como o foi durante muito tempo, como se devêssemos simplesmente entender que o que está oculto no inconsciente, quando estamos em presença de um caso neurótico, esteja a céu aberto na perversão, e de certa maneira em estado livre (LACAN, 1956-1957/1995, p. 115).

O sujeito perverso se posiciona como ferramenta do Outro. Aquilo que todo neurótico quer saber sobre o gozo, o perverso ‘sabe’. Isto implica na desautorização do saber não-sabido de outros sujeitos, pois o perverso coloca o outro no lugar de ser inanimado, recusando sua singularidade. Lacan (1956-1957/1996) define a lógica estabelecida na perversão como meio de precarização entre as relações de troca e experiências interpessoais. Nas suas ações, o perverso tenta acentuar o gozo. Na formulação de Lacan (1988), a perversão é estabelecida como posição de estrutura e não como ponto de fixação pulsional, isto se deve à concepção de sujeito do autor.

Aquilo que geralmente caracteriza o fetiche é a lembrança interrompida “na barra do vestido da mãe” (LACAN, 1956-1957/1996, p. 121), ao nível dos calçados e é por isso que os objetos presentes nessa lembrança encobridora podem vir a fazer suplência do que não é visto, mas é articulado. O sujeito, por meio do fetichismo, encontra-se com o seu objeto. Quanto mais inanimado melhor, pois assim garante ao sujeito o distanciamento da decepção, “Amar um chinelo é, realmente, ter o objeto de seus desejos ao alcance. Um objeto desprovido de qualquer propriedade subjetiva, intersubjetiva, até mesmo transubjetiva, é mais assegurado.” (LACAN, 1956-1957/1996, p. 85). O perverso encobre a falta com o objeto de fetiche.

Dessa forma, como já exposto anteriormente, a constituição do sujeito passa primeiro pelo desejo materno – vale salientar que essa posição é ocupada pelo cuidador da criança, não sendo necessariamente a mãe. Abordando-se especificamente a perversão, pode-se nomear o laço entre mãe e filho como perverso,

pois há o reconhecimento normalizado de que a mãe sempre terá o filho para prestar assistência à sua satisfação. Ainda que o filho cresça, essa situação não desaparece, é recalçada (JERUSALINSKY, 2002).

A chamada perversão materna é necessária para a constituição subjetiva. A criança precisa que a mãe a suponha o sujeito, e ela o faz a partir da segmentação do seu próprio fantasma, ou seja, calcula estar apta a responder a essa demanda. Essa relação de perversão entre a mãe e o bebê é o que estabelece o circuito pulsional. O envolvimento na cena perversa demanda uma colocação do sujeito sobre o fantasma materno (JERUSALINSKY, 2002).

Dor (1991) ratifica que o perverso está fixado na perversão-polimorfa, característica do sexual na infância, o que compromete a diferença dos sexos. A constituição do sujeito na perversão baseia-se na problemática fálica, assinalada pelo desmentido da castração materna. Assim, o fato de a criança entender a mãe como fálica nada mais é do que uma resposta defensiva à angústia da castração. O objeto fálico é colocado como imaginário e a castração como questão entre o primeiro e a presença ou não do órgão genital masculino. Recusar a performance da mãe fálica é de grande dificuldade para o infante, uma vez que esta recusa acarretaria o enfrentamento da distinção entre masculino e feminino e, igualmente, em ser ou não ser castrado.

Além da angústia da castração, encontra-se a criança com o desamparo em sua dimensão cultural, a partir da falta radical de garantias sob a qual o ser humano se constitui. Ou seja, em virtude da imaturidade motora e psíquica do bebê humano, ele é incapaz de satisfazer por si só suas necessidades vitais, o que acarreta na indispensabilidade do cuidado do outro como meio de sobrevivência e subjetivação. Surge, então, o desamparo psíquico e a dependência da alteridade como condição estruturante do próprio sujeito (FREUD, 1905/2016).

Ao perceber que não é o único objeto de desejo da mãe e que esta também é marcada pela falta, a criança inscreve o pai como rival. Ao desmentir o desejo da mãe pelo pai, o perverso assegura o desmentido da castração, a desconsiderando. O propósito do sujeito na perversão é comandar o pulsional, por meio da sua própria objetificação para o gozo do Outro. Na perversão existe cumplicidade libidinal da mãe-fálica e um pai complacente, o perverso pode ter como resposta o desafio e a

transgressão, agindo de encontro a rivalidade com a figura paterna. A única Lei que ele conhece é a do seu próprio desejo (DOR, 1991).

A transgressão citada objetiva, principalmente, representar na realidade o significante fálico, tirando o foco da castração, “esta ‘desencarna’ por essência toda possibilidade de objetivação do significante fálico e, ao contrário, impõe ao falo jamais se inscrever na realidade, senão como significante da falta” (DOR, 1991, p. 50). O citado autor alerta, ainda, sobre os riscos que ocorrem na clínica de estabelecer uma hipótese diagnóstica de perversão sob influência de perspectivas morais, desconsiderando as causas inconscientes desta constituição. Para Kruehl (2011), a perversão refere-se a uma conjuntura inusual, pois é de difícil compreensão, tendo em vista os principais padrões conceituais, que o sujeito se coloque como objeto para fazer com que a fantasia perdure.

1.3 E SE FALÁSSEMOS SOBRE KEVIN?

Antes de qualquer análise do conteúdo do enredo ou personagens, é necessário aqui explicitar que não constitui objetivo deste trabalho lançar hipóteses diagnósticas ou convicções sobre Kevin, o protagonista, ser ou não perverso. Acredita-se que a discussão sobre as características da perversão pode ser enriquecida se relacionada com obras do âmbito artístico, como já feito anteriormente na obra psicanalítica, inclusive pelo seu criador: Sigmund Freud. Portanto, propõe-se uma breve leitura do filme e de seus personagens, com vistas a procurar semelhanças entre material teórico e fílmico/literário.

Precisamos Falar Sobre o Kevin é um filme do ano de 2011, dirigido por Lynne Ramsay, baseado no livro homônimo escrito por Lionel Shriver em 2007. O enredo gira em torno da relação entre Eva (Tilda Swinton) e Kevin (Ezra Miller), mãe e filho. O filme faz uso de uma conhecida estratégia cinematográfica: a de flashbacks. Enquanto vê-se uma Eva no “presente”, sofrendo as consequências de algum acontecimento desconhecido, há também cortes de cena que mostram eventos pontuais que a levaram até aquela situação. A trama tem início com a apresentação de Eva no festival espanhol La Tomatina, há também fragmentos que demonstram sua relação com o marido Franklin, sugerindo à audiência que ela é uma mulher bem-sucedida, satisfeita com sua relação matrimonial, aparentemente confiante e feliz.

Porém, essa situação vacila quando ela se descobre grávida do seu filho, desde o início ela entende essa gravidez como um empecilho para sua vida, ao contrário do marido que fica muito empolgado com a paternidade. A mãe comparece a um curso de preparação, junto com outras grávidas, mas seu desconforto com aquela situação é visível. A ideia que o filme passa é que a mãe não aparenta nenhum desejo quanto ao seu filho, desejando apenas o marido. Pode-se relacionar a isso a interpretação do filho acerca do desejo materno. Se a criança, de início, for investida falicamente, ela acredita que é a realização do desejo materno.

Segundo Schlachter, Mendes e Andrade (2014), o desejo materno é o que difunde no bebê energia vital e erotismo. Quando a mãe não o deseja, porém, funda-se um conflito intrapsíquico. Onde o olhar materno é convocado, encontra-se apenas o vazio. No caso de Kevin, "essa mãe presente fisicamente e ausente emocionalmente tem um efeito desastroso na constituição do bebê" (SCHLACHTER; MENDES; ANDRADE, 2014, p. 26).

Num certo momento, então, a criança conclui que não é o único objeto de desejo da sua mãe. Em seguida a constata enquanto faltosa, castrada. No caso de Kevin, ele teria sabido desde a infância o quanto a mãe não o desejava e reagiu a isso da forma como pôde. Reconhecer a mãe como castrada, desmentir a castração da mãe e, imaginariamente, tamponar a carência peniana daquela com o fetiche é o que permitirá ao sujeito se posicionar na estrutura como perversa (DOR, 1991).

Durante o trabalho de parto, Eva resiste ao nascimento de seu filho, sendo necessário que o médico peça para que ela pare de fazê-lo. Na cena seguinte ao parto, revela-se uma mulher com feições de esvaziamento, apática, como se não estivesse sentindo nada. O pai fornece ao bebê os primeiros cuidados, embalando-o na tentativa de findar seu choro. Não há nenhuma demonstração de laço entre mãe e filho, ela não consegue acalmá-lo, tampouco consegue transmitir qualquer afeto. Em outro fragmento do filme é mostrado Eva levando Kevin, ainda bebê, que chora sem cessar até um canteiro de construção, encoberto o barulho do choro pelo da britadeira. A reação da mulher é quase de prazer, entre a exaustão e o alívio.

Há um atraso na linguagem dessa criança. A demora de Kevin para começar a falar é reflexo da inserção dele na estrutura de linguagem: "como falar se nunca foi falado?" (SCHLACHTER; MENDES; ANDRADE, 2014, p. 28). Em resposta às birras dele, a mãe abaixa-se no berço e diz que "mamãe era feliz antes do pequeno Kevin,

você sabia? Agora mamãe acorda toda manhã desejando estar na França”, remetendo ao seu antigo trabalho de agente de viagens. O desprazer demonstrado por Eva quanto à seu filho não barra o gozo que o mortifica.

Algumas tentativas de construir uma relação de afeto entre mãe e filho foram realizadas por Eva, mas talvez isso tenha ocorrido tarde demais. Kevin não responde aos seus estímulos, ou os responde de maneira fria, devolvendo o que lhe foi investido até então. O pai é sempre o mediador da relação dos dois e, ao ser advertido pela esposa sobre desobediência e desrespeito às regras, responde que ela está exagerando, que ele é só uma criança. Franklin não desempenha sua função de pai e despreza quando a mãe tenta fazê-lo. Não é o pai castrador em sua atribuição. Embora faça algum investimento em Kevin, não compensa a carência do investimento de Eva.

Apesar das investidas para que o filho cruze esta fase, Kevin continua usando fraldas até os seis anos. Para sua mãe, esta seria apenas mais uma de suas estratégias para exercer controle sobre ela, neste ponto, pode-se remontar a Freud (1905/2016) no que diz respeito à fase anal do desenvolvimento. Em um acesso de raiva, quando Kevin volta a sujar sua fralda segundos depois da mãe limpá-lo, ela o joga no chão quebrando seu braço. Arrependida, ela pede desculpas dizendo que o que fez foi errado, mas isso não comove Kevin: ele passa a chantageá-la a troco de não contar ao pai o que de fato aconteceu.

Também é admissível ponderar acerca do caráter erótico desta ocorrência, podendo interpretar o momento em que a mãe troca a fralda não somente como uma aproximação, mas também como um tipo de tentativa de sedução (DOR, 1991). Isso pode ser entendido como um exemplo da ambivalência anal da criança, enquanto ela recebe atenção também existe a tentativa de controle. Contudo, salienta-se que o treinamento de esfíncter do menino é responsabilidade, incentivado primeiramente, pelo seu cuidador. No caso de Kevin, ambos os pais são permissivos e não encorajam o menino a abandonar as fraldas.

Um caráter particular da sua sexualidade se manifesta quando Kevin, agora adolescente, é pego se masturbando pela mãe e não demonstra qualquer tipo de vergonha, pelo contrário: lhe provoca o riso. Aqui podemos remontar ao que Freud (1905/2016) fala sobre a realização sexual da criança antes do estabelecimento das barreiras psíquicas de vergonha, nojo e moral. Tais barreiras são estabelecidas

conforme o avanço na idade e nas saídas do complexo de Édipo, porém, não é possível dizer se elas foram formadas no protagonista.

A relação desta família complica ainda mais quando Eva engravida novamente, dessa vez desejando o bebê. Ao explicar a Kevin sobre sua gravidez, a mãe diz que ele pode aprender a gostar da irmã, ao que ele afirma “Só porque você se acostuma com algo não quer dizer que goste. Você se acostumou comigo”, a mãe nada responde. Ainda quando criança, Kevin adoece e aceita receber o afeto e os cuidados da mãe, surpreendendo a todos com suas atitudes amorosas em relação a esta, enquanto rejeita o pai. Durante esse período, Eva lê a história de Robin Hood para ele, o que desperta o interesse do filho em arco e flecha, atividade que aperfeiçoa até a adolescência.

Eva enxerga Kevin como uma ameaça à filha, principalmente depois que Celia se envolve em um acidente com alguns produtos de limpeza enquanto estava sob os cuidados do irmão, o que acarreta na perda de um dos seus olhos. O garoto cresce criando situações em que pudesse confrontar sua mãe, a fim de obter as reações e os sentimentos verdadeiros dela, assim como ocorreu no dia em que seu braço foi quebrado. Ele não obedece às suas regras, tampouco aos seus pedidos. Caminhando nesse viés, na perversão o sujeito requer a presença da lei, para então testar a economia do seu gozo (DOR, 1991). Essa família não toma nenhuma medida sequer para que Kevin não se tornasse um monstro, tal qual sua mãe o enxergava.

O desfecho da história ocorre quando Kevin, na véspera do seu aniversário, assassina seu pai, sua irmã e numerosos estudantes da sua escola, fazendo uso do seu arco e flecha. Kevin se entrega à polícia sem apresentar resistência e busca o olhar materno. Eva, que vai até a escola preocupada que seu filho seja uma das vítimas, fica em choque ao descobrir que, na verdade, é ele quem está por trás do massacre. O interessante dessa equação é que a arma que ele utiliza é o arco e flecha, a mesma arma do herói da história que a mãe costumava lhe contar em um raro momento em que eles se aproximaram. Uma recordação afetuosa traveste-se em uma cena perversa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perversão é lida como uma forma de entrada na linguagem, uma manifestação do laço social. Isto posto, a proposta deste trabalho não era necessariamente confirmar ou não a perversão do protagonista do filme escolhido como forma de estruturação, mas sim verificar algumas encenações ou situações perversas. Inscrever-se em uma montagem perversa implica deixar de lado a sua singularidade a fim de rastrear o gozo do Outro (CALLIGARIS, 1986).

Existe uma curiosidade na história que remonta ao significante do Nome-Do-Pai. Apesar de ser incomum nos Estados Unidos, a Kevin é dado o sobrenome da mãe. Não é exposto no filme o sobrenome do seu pai, apenas o da sua mãe: Khatchadourian. Apesar disso, Eva não conseguiu construir-se mãe. E, em consequência disso, também não pode construir Kevin como seu filho. Havia nela um conflito de âmbito social: a maternidade ideal e sua posição de mulher independente. Isto reflete em seu filho, que cresce em conflito familiar, mas principalmente com sua mãe.

Algumas hipóteses saltam. Kevin, ao performar o ato do massacre na sua escola, encontra uma maneira de mostrar a revolta e o ódio que sente. Talvez dessa forma, recebendo algum afeto verdadeiro da mãe (ainda que negativo). Além disso, é plausível deduzir que, ao matar o pai e a irmã, Kevin havia de se tornar prioridade na vida de Eva. E torna-se. Ela segue morando na cidade onde tudo aconteceu para que assim possa visitar o filho na prisão regularmente.

Com vistas a traçar uma comparação entre as conceituações de perversão-polimorfa e a estrutura perversa, pode-se concluir que essas não tratam em absoluto dos mesmos problemas. Se na condição de perverso-polimorfo, fundamentada por Freud, a criança pode fazer uso dos mais diversos objetos para alcançar o gozo, na perversão é o extremo oposto. O perverso, em sua cena, limita-se a seguir o seu roteiro, por meio da criação de fetiches. A partir dos dados coletados e analisados, pode-se concluir que os objetivos aqui propostos foram alcançados, visto à diferenciação aqui detalhada entre perversão e perversão-polimorfa e a discussão acerca da estrutura subjetiva do protagonista do filme escolhido.

É comum que existam discussões sobre questões acerca da perversão e como ela ocorre, clinicamente falando. Como entendido por Roudinesco, “os perversos são uma parte de nós mesmos, uma parte de nossa humanidade, pois exibem o que não cessamos de dissimular: nossa própria negatividade, a parte obscura de nós mesmos”

(ROUDINESCO, 2008, p. 13). Existe a aproximação, feita pelo senso comum, de que criminosos costumam estar inseridos na perversão. Na teoria psicanalítica essa associação não se sustenta

O que define a estruturação do sujeito não perpassa critérios jurídicos, mas sim, a forma com a qual o sujeito responde ao Complexo de Édipo e a castração. Segundo Barbieri (2012), o perverso e o criminoso não são iguais. Ainda que em sua posição na estrutura o perverso desminta a castração materna e infrinja a norma fálica, a autora assume que o crime requer ainda transgredir as leis do direito.

No discurso materno, Kevin desde seus primeiros meses é o motivo de sua frustração e infelicidade. Se a mãe o fala desta forma, se ele é inserido na linguagem dessa maneira, como poderia ele no período de sua vida retratado no filme assumir outro caminho que não o que lhe foi determinado?

Entretanto, apesar de haver na literatura dos últimos 5 anos alguns trabalhos⁵ que defendem essa ideia, no entendimento das autoras do presente trabalho, não existem subsídios suficientes para afirmar que Kevin é perverso. A hipótese mais adequada, levando em consideração os dados aqui coletados, seria a de que Kevin é alguém cuja perversão-polimorfa, presente na infância, se estende até um período posterior. Dentre os destinos da perversão-polimorfa, caráter fundamental de qualquer sujeito, a perversão é uma possibilidade, mas não uma destinação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBIERI, Cibele P. Os enigmas da criminalidade à luz da psicanálise. *Cogito*, Salvador, v. 13, p. 08-21, 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792012000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: Setembro/2021

BARBOSA, Tatiane T. *Análise do filme 'Precisamos falar sobre Kevin' a partir das ideias de Winnicott*. Trabalho de conclusão de curso. UniCEUB - Brasília, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/12053/1/51600198.pdf>>. Acesso em: Agosto/2021.

CALLIGARIS, Contardo. *Perversão – um laço social*. Salvador: Cooperativa Cultural Jacques Lacan, 1986.

COSTA, Teresinha. *Édipo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

⁵ BARBOSA, 2017; FERREIRA; MEDEIROS, 2017; PEDRO; BEZERRA; LEITE, 2018; FIRMINO, 2019.

DOR, Joel. *Estruturas e clínica psicanalítica*. Tradução Jorge Bastos e André Telles. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre, 1991.

ELIA, Luciano. *O Conceito de Sujeito*. 2.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007

FERREIRA, Andressa A.; MEDEIROS, Marcos P. O lado oculto da infância: um olhar psicanalítico acerca da perversidade infantil. *Psicanálise & Barroco em revista*. v. 15, n. 01, 2017.

FIRMINO, Germano B. *Precisamos falar sobre Kevin: Uma leitura psicanalítica do filme, a partir do conceito winnicottiano de maternagem*. Trabalho de conclusão de curso. UNIPÊ - João Pessoa, 2019. Disponível em: <<https://bdtcc.unipe.edu.br/publications/precisamos-falar-sobre-kevin-leitura-psicanalitica-do-filme-a-partir-do-conceito-winnicottiano-de-maternagem-germano-barbosa-firmino/>>. Acesso em: Agosto/2021.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora) e outros textos (1901-1905)*. Tradução Paulo César de Souza. Obras Completas, v. 6. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. Recalque. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XIV*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *As pulsões e seus destinos (1915)*. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Tradução Pedro Heliodoro Tavares. – 1. ed.; 6. Reimp – Belo Horizonte : Autentica, 2020.

_____. Batem numa criança: Contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais (1919). In: _____. *História de uma neurose infantil ("o homem dos lobos"), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. Tradução Paulo César de Souza. Obras completas, v. 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. A organização genital infantil (1923). In: _____. *O Eu e o Id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. Tradução Paulo César de Souza. Obras Completas, v. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. O fetichismo (1927). In: _____. *Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. Tradução Paulo César de Souza. Obras Completas, v. 17. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

JERUSALINSKY, Alfredo. *Seminários II*. Seminários proferidos no Instituto de Psicologia da USP, 2. ed. São Paulo: Lugar de Vida, 2002.

KRUEL, Sandra S. *O Gozo do Perverso*. Belo Horizonte: site do Aleph, 2011 (Material para Seminário de Psicanálise). Disponível em: https://www.academia.edu/1620459/O_Gozo_do_Perverso. Acesso em: julho/2021.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

_____. *O Seminário, Livro 4: A relação de objeto (1956-1957)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

_____. *O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente (1957-58)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. *O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise (1959-60)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

PEDRO, Eliane; BEZERRA, Érica J. M.; LEITE, L. B. O Vínculo Mãe-Filho à Luz da Psicanálise e o Filme "Precisamos Falar Sobre Kevin". *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 03, Ed. 06, Vol. 04, pp. 118-129, 2018.

RAMSEY, Lynne. *Precisamos falar sobre Kevin*. Direção: Lynne Ramsey: BBC films, 2011.1 DVD (112min), son., color, legendado. Título original: We need to talk about Kevin.

ROUDINESCO, Elizabeth. *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

SCHLACHTER, L.; MENDES, I.; ANDRADE, R. Quando o destino é o olhar materno: precisamos falar sobre Kevin. *Reverie: Revista de Psicanálise*, v. VII, p. 157-167, 2014.

SHRIVER, Lionel. *Precisamos falar sobre Kevin*. Rio de Janeiro: Intrínseca; 2007.